

MORTALIDADE DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS: O QUE FAZER PELA SUSTENTABILIDADE DO EMPREENDIMENTO?¹

Walter Luiz de Oliveira²

Adilson Cunha Costa³

Luís Mendonça Romão⁴

Halph Carvalho de Oliveira⁵

RESUMO

Diante da constatação de que existe um elevado número de micro e pequenas empresas (MPEs) que encerram suas atividades pouco tempo após terem sido constituídas, este trabalho tem por finalidade buscar o entendimento deste fenômeno, analisando os fatores que resultam na alta taxa de mortalidade de MPEs e as medidas que podem ser adotadas para reduzir essa taxa de mortalidade. Para tanto, realizou-se pesquisa bibliográfica visando compreender este fenômeno, e responder a duas questões-problemas: Por que é tão elevada a taxa de mortalidade das MPEs? O que deve fazer o micro e pequeno empreendedor para que seu negócio seja sustentável? Para tanto, foram compilados dados extraídos de estudos realizados por autores renomados e instituições especializadas, visando a demonstração estatística dos fatores que resultam na mortalidade das MPEs e as medidas necessárias para evitar que isto ocorra e dados comparativos que apontam a redução da taxa de mortalidade em nosso país. Concluiu-se que o micro e pequeno empreendedor deve conscientizar-se da necessidade de qualificar-se cada vez mais, adquirindo habilidades e competências organizacionais, através de boas práticas gerenciais e de empreendedorismo, adotando medidas aptas a aumentar a competitividade e assegurar a sustentabilidade de empresa.

Palavras-chave: Micro e pequena empresa; Mortalidade; Sustentabilidade.

ABSTRACT

Faced with the realization that there is a high number of micro and small enterprises (MSEs) enclosing their activities shortly after having been constituted, this study aims to seek the understanding of this phenomenon, analyzing the factors that result in high rates of SMEs mortality and the measures to be taken to reduce this mortality rate. Therefore, there was a bibliographical research aiming at understanding this phenomenon, and answering two questions: Why is the mortality rate of SMEs high? What should you micro and small entrepreneurs do so that their businesses be

¹ Recebido em 17/10/2016.

² Faculdade Campo Limpo Paulista. walterluizdeoliveira@gmail.com

³ Faculdade Campo Limpo Paulista. adiljacosta@yahoo.com.br

⁴ Faculdade Campo Limpo Paulista. luismendonca03@hotmail.com

⁵ Faculdade Campo Limpo Paulista. halphcarvalho@gmail.com

sustainable? For that, we compiled data extracted from studies by renowned authors and specialized institutions to the statistical demonstration of the factors that result in the mortality of SMEs and the necessary steps to prevent this from happening and comparative data showing a reduction in mortality rate in our country. It was concluded that the micro and small entrepreneurs should be aware of the need to qualify increasingly acquiring organizational skills and competencies through good management practices and entrepreneurship by adopting suitable measures to increase competitiveness and ensure company sustainability.

Keywords: Micro and small enterprises; Mortality; Sustainability

INTRODUÇÃO

Este artigo busca entender os motivos pelos quais existe um elevado número de micro e pequenas empresas (MPEs) que encerram suas atividades pouco tempo após terem sido constituídas, analisando os fatores que resultam na alta taxa de mortalidade de MPEs e as medidas que devem ser adotadas para reduzir essa taxa de mortalidade. Assim, busca-se responder a duas perguntas fundamentais:

Por que é tão elevada a taxa de mortalidade das MPEs?

O que deve fazer o micro e pequeno empreendedor para que seu negócio seja sustentável?

Para tanto, este trabalho encontra-se estruturado da seguinte maneira: o próximo tópico contém a fundamentação teórica, explicitando os conceitos aplicáveis ao trabalho, servindo de base para a análise dos dados que compõem o tema em estudo; em seguida, descreve-se a metodologia empregada e os modelos aplicáveis na busca de respostas às questões acima propostas; no quarto tópico se trata da análise e interpretação dos resultados da aplicação dos conceitos teóricos estudados, em concordância com a realidade apontada pelas pesquisas realizadas por entidades especializadas no tema, cujos resultados serviram como base desta análise; e, por fim, o último tópico finaliza este trabalho, através de conclusões específicas, que sintetizam as observações efetuadas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Importância das MPEs

Segundo o IBGE (2003), as MPEs são uma grande oportunidade para as pessoas que desejam desenvolver seu próprio negócio, e também uma alternativa

para os que têm pouca qualificação e não conseguem um emprego nas empresas consideradas de grande porte.

Um estudo do Sebrae (2011), aponta que, anualmente, são criados no Brasil 1.200.000 novos empreendimentos e que as MPEs representam 99,12% do total de empresas existentes no Brasil, o que revela sua importância para o crescimento e desenvolvimento do país, notadamente, principalmente no que toca à geração de emprego.

Por esse motivo, Koteski (2004) afirma que “as micro e pequenas empresas são um dos principais pilares de sustentação da economia brasileira, quer pela sua enorme capacidade geradora de empregos, quer pelo infindável número de estabelecimentos desconcentrados geograficamente”.

Confirmando a pujança do empreendedorismo no Brasil, um dos maiores estudos contínuos sobre a dinâmica empreendedora no mundo, promovido pela *Global Entrepreneurship Monitor – GEM* (2013), mostra que o Brasil possui o maior número de empreendedores de negócios novos entre os 17 países membros do G20 que participaram da pesquisa.

A mesma pesquisa da GEM revelou que entre cinco países do grupo dos BRICS, o Brasil tem a população mais empreendedora, com 71% de empreendedores em estágio inicial por oportunidade, seguido pela África do Sul (70%), China e Rússia (ambas com 66%) e Índia (61%) (GEM, 2013).

Mortalidade das MPEs no Brasil

Em vista dos diversos desafios que enfrentam os novos empreendedores e da representatividade que as empresas de micro e pequeno porte tem para o país, esta pesquisa dedica-se ao estudo da problemática acerca da extinção precoce das novas empresas, destacando os fatores associados à mortalidade relacionados ao empreendedor, à empresa e ao ambiente no qual ela se insere. Busca-se ainda, e principalmente, soluções para esta questão.

O paradoxo da importância e da mortalidade das MPEs

Estudos sobre as MPEs brasileiras indicam que elas vivem uma situação paradoxal: se por um lado ocupam posição de efetiva relevância e crescente participação na economia, por outro lado são muito elevados os índices de

mortalidade precoce das micro e pequenas empresas.

Dados estatísticos desse paradoxo

No Brasil, as micro e pequenas empresas têm consolidada uma participação expressiva na economia, totalizando 99% do total de empresas, com 20% na participação do PIB nacional (IBGE, 2010).

Segundo pesquisa do SEBRAE (2011), essas empresas respondem por quase 52% dos postos de trabalho do setor privado.

A mesma pesquisa demonstra que, considerando 6,1 milhões de micro e pequenas empresas, a Região Sudeste concentra 50,8% das empresas do País. A Região Sul conta com 23,3% das empresas. A Região Nordeste possui 15,0%, a Centro-Oeste, 7,4%, e a Norte, 3,5%. Além disso, o Estado de São Paulo tem a liderança em empregos, concentra 29,6% dos postos de trabalho brasileiros, quase o mesmo número de postos de trabalho da região Nordeste (18,4%) e Sul (17,0%) (IBGE, 2010).

Contudo, há um fato que compromete um maior crescimento do número de empresas e, por conseguinte, da economia, que são os altos índices de mortalidade precoce de micro e pequenas empresas, gerados por diferentes elementos e condições ligadas a estas unidades produtivas.

Pesquisa do SEBRAE-SP (2010) mostra que, de cada 100 empresas paulistas abertas, 27 não ultrapassam o primeiro ano de atividade. Esta proporção aumenta após cinco anos da abertura da empresa para 58%.

Em outro estudo sobre micro e pequenas empresas, o SEBRAE-SP (2010) afirma que a taxa de mortalidade das empresas paulistas é de 27% no primeiro ano e, em termos acumulados, é de 37% no segundo ano e 46% no terceiro ano de atividade.

Elevação da taxa de sobrevivência das empresas de até 2 anos

Os dados estatísticos colhidos pelo SEBRAE (2013) indicam a gradual elevação dos índices de sobrevivência das MPEs, conforme Tabela 1:

Tabela 1: Taxa de sobrevivência de MPEs de 2 anos

Indicadores de redução da mortalidade:					
ANO	Indústria	Construção	Comércio	Serviços	Total
2005	76,7%	63,4%	74,1%	72,7%	73,6%
2006	78,4%	68,0%	76,4%	73,3%	68,2%
2007	79,9%	72,5%	77,7%	72,2%	75,6%

Fonte:

Sebrae-NA (2013)

Nota: as empresas constituídas em 2007 foram verificadas nas bases de 2007, 2008, 2009 e 2010.

Entretanto, a mesma Tabela indica que a taxa de mortalidade mais recente, relativa ao ano de 2007, equivale a 24,4%, o que representa, ainda, uma quantidade muito elevada de microempresas que encerram suas atividades precocemente.

Dados comparativos: sobrevivência das MPEs em outros países

Pesquisa realizada em outros 15 países pela Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD, 2013), sobre as taxas de sobrevivência de empresas até 2 anos demonstram que, comparativamente, a taxa de sobrevivência das MPEs brasileiras, vem atingindo e, em alguns casos, superando, os índices de sobrevivência de alguns países pesquisados, como ilustra a Tabela 2:

Tabela 2: Taxa de sobrevivência de empresas com até 2 anos

Países		Total de Empresas da Indústria, Comércio e Serviços			
		Nascidas em 2005	Nascidas em 2006	Nascidas em 2007	Nascidas em 2008
Países membros	Áustria	n.d.	n.d.	70,6%	n.d.
	Canadá	72,6%	71,5%	73,8%	n.d.
	Eslováquia	n.d.	72,9%	62,1%	n.d.
	Eslovênia	n.d.	n.d.	78,2%	n.d.
	Espanha	n.d.	70,7%	69,3%	n.d.
	Estônia	n.d.	71,3%	74,9%	n.d.
	Finlândia	n.d.	62,0%	63,2%	n.d.
	Holanda	n.d.	44,2%	49,7%	n.d.
	Hungria	n.d.	58,7%	55,5%	n.d.
	Itália	n.d.	67,4%	67,9%	n.d.
	Luxemburgo	n.d.	73,1%	76,3%	n.d.
Nova Zelândia	58,9%	58,7%	56,5%	56,7%	
Portugal	n.d.	n.d.	51,1%	n.d.	
Países não-membros	Bulgária	n.d.	53,4%	n.d.	n.d.
	Letônia	n.d.	n.d.	70,7%	n.d.
	Romênia	n.d.	74,8%	71,6%	n.d.

Fonte: OECD (2013)

Esse resultado, supostamente animador, é enganoso pois oculta uma substancial diferença metodológica que tem origem nas diferenças

socioeconômicas que existem entre o Brasil e os países pesquisados pela OECD, conforme destacado pelo SEBRAE (2013) ao analisar os dados da OECD:

É que o critério usado pela OECD para definir quando uma empresa é criada e quando é encerrada, é o número de empregados, enquanto no trabalho do SEBRAE são consideradas todas as empresas, inclusive as com “zero empregado” (SEBRAE, 2013).

A esse propósito, os estudos do SEBRAE revelam que cerca de 62% das empresas são do tipo “zero empregado” e, “assim, os dados expostos pelo relatório do SEBRAE não são comparáveis aos da OECD” porque “no grupo de empresas com empregados, tende a haver uma maior estabilidade dos negócios, por envolverem maior mobilização de recursos/escalas de produção” (SEBRAE, 2013).

Principal ameaça à sobrevivência das MPEs

Além disso, dos 13 milhões de empreendimentos brasileiros analisados pelo GEM (GLOBAL, 2001), 85% não tinham condições de expansão no mercado, não usavam tecnologia de ponta e não ofertavam produtos inovadores, o que representa um baixo nível de competitividade e, portanto, comprometendo a capacidade de sobrevivência a longo prazo – o que explica o paradoxo acima apontado.

METODOLOGIA

O foco desta pesquisa concentra-se na identificação dos principais fatores associados com a mortalidade de micro e pequenas empresas. Para tanto, foi efetuado um levantamento bibliográfico em que se buscou elaborar uma revisão teórica sobre o assunto, que proporcionasse subsídios para a composição de um conjunto de fatores relacionados com o encerramento das atividades das micro e pequenas empresas. Em seguida, efetuou-se um levantamento de dados estatísticos resultantes das pesquisas de campo levadas a efeito por entidades especializadas, tais como SEBRAE e IBGE e consequente análise desses dados.

Para proceder à coleta e análise dos dados, foi adotada uma estratégia baseada na realização de um levantamento bibliográfico sobre os relatórios das pesquisas de campo e estudos levados a efeito pelo SEBRAE.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE RESULTADOS

A pesquisa bibliográfica teve por objetivo responder as duas perguntas fundamentais, apontadas no início deste trabalho:

- POR QUE É TÃO ELEVADA A TAXA DE MORTALIDADE DAS MPES?
- O QUE DEVE FAZER O MICRO E PEQUENO EMPREENDEDOR PARA QUE SEU EMPREENDIMENTO SEJA SUSTENTÁVEL?

Fatores determinantes da mortalidade das organizações

Este item busca responder à primeira questão-problema: **POR QUE É TÃO ELEVADA A TAXA DE MORTALIDADE DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS?**

Opinião dos estudiosos

As elevadas taxas de mortalidade de empresas sempre despertaram o interesse dos pesquisadores em diversas partes do mundo, e Davis (1939) já as estudava no final da década de 1930. Sua pesquisa, realizada com base nos dados da empresa *Dun & Bradstreet*, mostra que, em algumas cidades dos Estados Unidos, a mortalidade de pequenas empresas chegava a 77,6% ao final do terceiro ano de existência.

Desde então, vasta literatura foi produzida, gerando enorme disparidade de resultados. Isto ocorre porque, segundo Cochran (1981), dependendo do conceito que se tome por base, o resultado de uma pesquisa sobre mortalidade ou falência de empresas pode variar muito e gerar resultados pouco confiáveis, e que, quanto mais amplo o conceito, maior será a taxa de mortalidade encontrada.

Segundo Davis (1939), os principais fatores citados pelo autor como responsáveis pela alta mortalidade são: a falta de mão de obra especializada, a falta de infraestrutura, a instabilidade política e econômica, a rápida mudança de demanda por parte dos clientes.

Cochran (1981), ao revisar a literatura sobre o assunto, identifica a falta de competência gerencial e a falta de experiência no ramo de negócio como fatores associados à mortalidade mais citados pela maior parte dos estudos pesquisados.

Holmes e Haswell (1989) reforçam esta visão afirmando que a competência gerencial e a falta de experiência no ramo também são consideradas fatores

contribuintes para a mortalidade precoce de pequenas empresas na Austrália. Seus estudos mostram que, das 418 empresas falidas entre os anos de 1981 e 1985, 90% tiveram sua morte associada a um dos dois fatores citados acima.

Para Adizes (1996), a criação e o desenvolvimento de um negócio só se dão pela real necessidade de consumidores empresariais ou finais a ser satisfeita e ele considera este o primeiro fator associado à mortalidade precoce de pequenas empresas, visto que muitos negócios são abertos sem ter identificado uma necessidade existente no mercado a ser satisfeita.

Os estudos de Barrow (1993) nos mostram as razões pelas quais as pequenas empresas britânicas fecham como segue abaixo:

- Falta de experiência do empreendedor;
- Falta de estratégia de *marketing*;
- Avaliação demasiadamente otimista do tamanho do mercado;
- Subestimar o tempo de alavancagem do negócio;
- Falta de capital de giro;
- Custo de criação da empresa muito alto;
- Capacidade produtiva menor do que a demanda;
- Escolha errada do ponto considerando maior volume de pessoas do que o real; e
- Seleção e gestão de pessoas sem competência para o negócio.

No estudo realizado por Audretsch (1995) sobre sobrevivência e crescimento, verifica-se que, num período de 10 anos, as empresas que tendem a sobreviver são aquelas que têm um tamanho maior, investem mais em inovação e, portanto, crescem mais rápido.

Além disso, segundo Bates (1995), o perfil do empreendedor influencia em grande escala a probabilidade de morte da empresa, pois, de acordo com sua pesquisa sobre empresas independentes e empresas franqueadas dos Estados Unidos, é evidenciado que empreendedores que buscam franquias são aqueles que têm menor propensão a assumir riscos, o que está ligado diretamente ao baixo retorno do negócio, levando à morte da empresa. O autor mostra que pequenas empresas franqueadas possuem maiores taxas de descontinuidade do negócio e menor retorno do que as empresas criadas de maneira independente.

Complementando as conclusões de Bates, os pesquisadores Birley e Niktari

(1996) identificam outros quatro fatores ligados ao perfil dos empreendedores que estão associados à mortalidade de pequenas empresas:

- Perfil inflexível, resistente a mudanças e não aceita procurar ajuda externa;
- Contrata equipe de baixa competência e com baixa experiência no ramo;
- Falta de planejamento; e
- Falta de organização das operações da empresa.

Outros fenômenos que podem resultar na morte das empresas

Em que pese a multiplicidade de situações que resultam na descontinuação das empresas, há ainda dois outros fenômenos que podem resultar na morte das empresas e, por isto, merecem especial atenção:

- a insuficiência de negócios (“**undertrading**”), que ocorre quando uma empresa tem um volume de vendas inferior ao que sua estrutura permite, isto é, com lucros menores do que poderia obter se utilizasse toda a sua capacidade e, portanto, com a rentabilidade sobre o capital, inferior do que a que lhe é possível obter (LUNELLI, 2014), o que pode ocorrer pelos mais variados fatores, tais como: a falta de habilidade administrativa, financeira, mercadológica ou tecnológica do empreendedor, além da instabilidade econômica e da falta de crédito no mercado (AZEVEDO, 1992).
- o excesso de negócios (“**overtrading**”), que ocorre quando o volume de operações da empresa passa a ser tão grande, a ponto de ficar desproporcional com o seu capital de giro. É o que MOREIRA (2014) denomina “Desequilíbrio Operacional”. LUNELLI (2014), evocando a linguagem popular, afirma que é uma situação onde o empresário está tentando “*dar um passo maior que as pernas*” e, portanto, acima das reais possibilidades da empresa e, sob estas condições, a empresa está em “overtrade”, a caminho do fim.

Estudos sobre a mortalidade das MPEs no Brasil

Ao contrário do que ocorre em outros países, principalmente nos Estados Unidos, o Brasil não possui muitos estudos com aplicação de metodologia de pesquisa científica sobre a mortalidade de pequenas empresas e não possui uma sistematização do estudo sobre este assunto, como a Dun & Bradstreet (2012), que

realiza pesquisas periódicas sobre falência e fechamento de empresas.

Desde 1999, o SEBRAE realiza pesquisa sobre sobrevivência e mortalidade das empresas do Estado de São Paulo e, assim, destacou em sua pesquisa inicial que os entraves mais relevantes ao êxito dos negócios no País são: o baixo nível de escolaridade e renda do empreendedor, que por falta de crédito junto às instituições financeiras, utiliza capital próprio ou da família, o que limita o crescimento da empresa e a torna vulnerável às oscilações e à sazonalidade do mercado.

Além disso, a legislação também é citada como injusta, pois o tratamento dado é semelhante a todas as empresas, independente do seu tamanho (SEBRAE, 1999).

Motivos alegados para o encerramento entre 2003 e 2007 (SEBRAE, 2014)

Considerando suas pesquisas dos últimos doze anos sobre sobrevivência e mortalidade das empresas do Estado de São Paulo, abertas no período de 2003 a 2007, o SEBRAE-SP (2014) destaca os seguintes motivos alegados pelos responsáveis das empresas pelo encerramento das atividades dessas empresas:

- Falta de clientes (18%);
- Falta de capital (10%);
- Problemas de planejamento (10%);
- Perda do cliente único (9%);
- Problemas com sócios (8%);
- Encontrou outra atividade (8%);
- Custos elevados (7%);
- Problemas particulares (7%);
- Falta de lucro (7%); e
- Outros motivos (15%).

Constatações do SEBRAE e da literatura especializada

Os estudos realizados por Filardi (2006), Ribeiro Neto (2008), Da Silva (2008), Filardi e Santos (2012) e Nascimento (2011) confirmam as pesquisas realizadas pelo SEBRAE e dos demais autores citados neste trabalho, dando conta

de que não existe um fator específico que possa ser responsabilizado isoladamente pelo encerramento precoce das atividades de uma MPE.

Entretanto, segundo estudos do SEBRAE (2014) esses fechamentos poderiam ter sido evitados se erros básicos fossem corrigidos no início da empresa: a falta de clientes, por exemplos, poderia ser prevenida com a simples observação do mercado, da concorrência ou do produto que estava sendo oferecido. Muitas vezes, a localização e os produtos ou serviço oferecidos pela empresa não estão de acordo com as características do mercado onde atua.

Refletindo a respeito do estudo realizado pelo SEBRAE, constata-se a falta de um bom estudo de mercado, planejamento e gestão por parte dos empreendedores que fracassaram.

Síntese dos erros que devem ser evitados

Lemes Júnior (2010) sustenta que o empreendedor não pode deixar de tomar alguns cuidados ao partir para a abertura do negócio e aponta os erros mais frequentes, a serem evitados que, segundo o autor, decorrem principalmente da falta de conhecimento de mercado, falta de planejamento, da pressa e do excesso de confiança:

- Desconhecimento total do negócio: o futuro empresário julga saber tudo sobre o assunto apenas porque falou com alguém do ramo ou porque leu algum artigo em jornal ou assistiu a alguma entrevista na televisão.
- Desconhecimento do potencial de demanda e da concorrência: muitas vezes um bom negócio é tão imitado que se torna incrível.
- Produto inadequado: pode se engessar em um mercado onde o ciclo de vida do produto já se encontra em declínio, apesar de ainda vender bem.
- Não possuir os recursos tanto financeiros, quanto de matéria-prima, tempo disponível ou de pessoal capacitado.
- O local escolhido não é o ideal para aquele negócio, o ponto pode ser inadequado por inúmeros fatores que envolvem: a circulação de potenciais clientes, existência de estacionamento, perfil socioeconômico da vizinhança ou existência de concorrentes muito fortes.

- Escolha de sócios inadequados: um empreendimento passa eventualmente por situações difíceis, às quais os sócios devem enfrentar em conjuntos. Discordâncias severas podem tornar o negócio inviável.
- Crise econômica: as crises econômicas às vezes propiciam abertura de bons negócios ou alavancam os já existentes, mas dependendo do produto ou serviço oferecidos podem prejudicar e até mesmo inviabilizar o sucesso da empresa.
- Não acompanhar informações, principalmente quando envolvem exportações e importações, ou produtos que possam ser considerados supérfluos pelos clientes, pois serão os primeiros a serem cortados no orçamento.
- Falta de conhecimento de quem serão os fornecedores: existem fornecedores fortes o bastante para impor seus prazos e condições, a despeito das necessidades daqueles que se utilizam de seus serviços.
- Falta de planejamento de como serão feitas a distribuição e a divulgação do produto ou serviço. Muitas vezes o custo do frete inviabiliza a venda, e a alta de divulgação fará com que o produto não seja conhecido e, conseqüentemente, não adquirido.
- Não possuir uma rede de relacionamento básica, pelo menos para auxiliar nos momentos em que os conhecimentos sobre um determinado problema ou assunto sejam escassos, como acontece com os tributos, onde um contador pode ser muito valioso. O mesmo vale para contatos com gerentes de banco, advogados, consultores, fornecedores, só para citar alguns.
- Permitir a confusão patrimonial, isto é, utilizar recursos da empresa para pagar despesas particulares dos sócios e seus familiares.
- Problemas legais decorrentes da não legalização da empresa, como, por exemplo, a instrução de processos trabalhistas devido à falta de registro de empregados.

O autor ainda vai mais longe ao realçar que, o não fornecimento de notas fiscais, impede a empresa de participar de concorrências públicas ou fornecer a outras empresas formalizadas.

Propostas para redução da mortalidade das MPEs

Este item busca resposta à segunda questão-problema: **O QUE DEVE FAZER O MICRO E PEQUENO EMPREENDEDOR PARA QUE SEU NEGÓCIO**

SEJA SUSTENTÁVEL?

Sugestões de alguns autores

A seguir, apresentaremos uma compilação dos motivos da mortalidade, suas causas e possíveis soluções, segundo os autores pesquisados neste estudo:

Falta de capital de giro

Autores: Linhares (2010); Assaf Neto (2008); Brom e Balian (2007); Cardeal (2006); Escrivão Filho (2012); Ferreira *et al* (2011); Dias (2011); Lemes Júnior (2002); Soares Neto, Poso e Tachizawa (2011); Melo (2010); Ribeiro Neto (2008); e Gitman (2010).

Causas possíveis:

1) RÁPIDO CONSUMO DO CAPITAL DE GIRO COM:

- a) Imobilizações em excesso;
- b) Níveis elevados de estoques;
- c) Prazos de vendas muito longos;

2) ERROS:

- a) A busca de empréstimos de curto prazo para investimentos com retorno de longo prazo.
- b) vendas com descontos abusivos para fazer caixa;

Possíveis soluções:

- Sincronizar entradas e saídas monetárias: quanto mais previsíveis forem as entradas e saídas de caixa, menor será a necessidade de capital de giro.
- Fazer empréstimos de curto prazo para pagar com pontualidade débitos ocasionais ou sazonais.
- Aumentar o prazo para pagamento de fornecedores, reduzir prazos de recebimentos de clientes e reduzir estoque.
- Obter bom fluxo de caixa para controlar todas as entradas e saídas de recursos, para ter capital de giro.

Carga tributária elevada

Autores: Filardi (1996), Domingos (2015)

Causas possíveis: Falta de planejamento tributário e falta de contador com aprofundamento em decisões gerenciais;

Possíveis soluções: cuidado com o Simples Nacional: diferentes faixas de renda, com mudança de carga tributária e cuidado para as novas adesões, principalmente no setor de serviços.

Falta de clientes

Autores: Esther e Melo (2006); Mahmid (2012); Krom (2000); Woiler (2010).

Causa possível: falta de controle na gestão de clientes.

Possíveis soluções: boa estratégia de vendas; fidelização e retenção de clientes; preço atraente e personalização do atendimento.

Ponto inadequado e concorrência

Autores: Motta (2010); Azolay (2000); Shane (2001); Liu (2009).

Causa possível: Falta de conhecimento de mercado.

Possível solução: a escolha do local deve estar associada à linha de produtos e serviços oferecidos pois é quem vai determinar a formação de um público específico.

Flutuações da conjuntura econômica

Autores: Sousa (2012); Baradeu (2011); Mahamid (2012); Baron (2007); Liu (2009); Corrêa (2009).

Causa possível: Recessão econômica decorrente de ações governamentais, que intimida os clientes a consumirem.

Possíveis soluções: medidas pontuais visando baratear custos de produção e o preço final; outras medidas para manter a atratividade do produto.

Problemas financeiros

Autores: Nascimento (2011); Santos (2012); Filardi (2006); Zwan (2011); Verheul (2011); Thurik (2011).

Causas possíveis:

- Falta de controle financeiro (fluxo de caixa);

- Inadimplência de devedores;
- Falta de informações referente a suas disponibilidades financeiras;
- Ausência de planejamento para o recebimento e pagamento de contas futuras;
- Falta de conhecimento acerca de recursos para saldar seus compromissos;

Possível solução: Aprimorar seus métodos de gerenciamento e de controle financeiro.

Falta ou deficiência de "mão-de-obra" (colaboradores)

Autores: Chaves (2008); Souza (2006); Moreira (2010); Deos (2009); Constanzi (2010).

Causas possíveis: quadro de funcionários formado por familiares, filhos, esposa e pelo próprio empresário, quase todos sem qualificação profissional.

Possível solução: capacitação.

Falta de crédito

Autor: SEBRAE (2015).

Causa possível: dificuldades para obter financiamentos, pois a verba do BNDES é administrada por bancos privados, que fazem exigências descabidas às MPEs e criam enormes dificuldades para liberação desses créditos.

Possível solução: reforma estrutural do BNDES, devendo ele ter agências próprias e ele próprio administrar essas verbas.

Propostas do SEBRAE para a redução da mortalidade de empresas

Visando reduzir ainda mais a taxa de mortalidade das MPEs, o SEBRAE-SP (2010) formula as seguintes propostas:

No âmbito dos indivíduos/ empresas:

- Ações de apoio (orientação/capacitação), por fases de um negócio:
 FASE X: futuros empreendedores (ainda não sabem que poderão se tornar empreendedores);
 FASE 0: candidato a empreendedor (até 12 meses antes da abertura do negócio);
 FASE 1: empreendedor recente (até 24/36 meses de atividade do negócio);
 FASE 2: empreendedor maduro (mais de 24/36 meses de atividade do negócio);

FASE 3: reconversão do empreendimento/sucessão empresarial;

- Desenvolvimento do comportamento empreendedor;
- Programa de apoio aos candidatos e às empresas recém-abertas:
- Planejamento antes da abertura;
- Gestão do negócio;
- Programa de apoio para empresas “maduras”

Quanto ao ambiente de negócios:

- Ampliação dos instrumentos de política pública
- Implantação efetiva da Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas nos municípios paulistas;
- Estabilidade de preços e no crescimento econômico.

CONCLUSÕES

O objetivo central do trabalho foi apontar quais são os principais fatores associados com a mortalidade das micro e pequenas empresas e encontrar medida que viabilizem a sua sobrevivência.

Para responder às questões-problemas propostas no início deste trabalho, foi feita uma revisão teórica sobre o assunto, a fim de subsidiar a composição de um conjunto de fatores relacionados com o encerramento das atividades das micro e pequenas empresas, chegando-se às seguintes conclusões:

Quanto à primeira questão-problema: POR QUE É TÃO ELEVADA A TAXA DE MORTALIDADE DAS MPEs?

Concluiu-se que existe uma diversificada gama de fatores, internos e externos, de ordem teórica e prática, que **reduzem sua competitividade** e que muitos micro e pequenos empresários não conseguem superar, podendo resultar na morte de seus empreendimentos.

Quanto à segunda questão-problema: O QUE DEVE FAZER O MICRO E PEQUENO EMPREENDEDOR PARA GARANTIR A SUSTENTABILIDADE DO SEU EMPREENDIMENTO?

Concluiu-se que o micro e pequeno empreendedor deve conscientizar-se da necessidade de qualificar-se cada vez mais, adquirindo habilidades e competências organizacionais que determinam o seu sucesso através de boas práticas gerenciais e de empreendedorismo, adotando medidas aptas a aumentar a competitividade e assegurar a sustentabilidade de empresa.

Por fim, conclui-se que o resultado obtido confirma algumas pesquisas brasileiras e internacionais realizadas nas últimas décadas. Espera-se que, somados, esses resultados possam orientar as políticas públicas, os empreendedores e as agências de fomento para a formulação de suas estratégias no sentido do desenvolvimento de competências administrativas para o sucesso das micro e pequenas empresas brasileiras.

O tema ainda se mostra atraente para o desenvolvimento de novas pesquisas dada a presença de lacunas que persistem.

REFERÊNCIAS

ADIZES, I. **Os ciclos de vida das organizações**: como e por que as empresas crescem e morrem e o que fazer a respeito. São Paulo: Pioneira, 1996.

ASSAF NETO, A.; SILVA, S.A.T. **Administração do Capital de Giro**. São Paulo: Atlas, 2007

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6.023.: referências bibliográficas**. 1ª. ed. Rio de Janeiro, agosto/2002.

_____. NBR 10520: apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002.

AUDRETSCH, D. B. **Innovation and Industry Evolution**. Massachusetts: MIT-Press, 1995.

AZEVEDO, J. H. **Como iniciar uma empresa de sucesso**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1992.

BARON, R. A.; SHANE, S. A. **Empreendedorismo**: uma visão do processo. São Paulo: Thomson Pioneira, 2007.

BARROW, Colin. **The essence of small business**. Prentise Hall.1993

BATES, T. **Analysis of Survival Rates Among Franchise and Independent Small Business Startups**. Journal of Small Business Management, v. 33, n. 2, p. 26-37, 1995.

BIRLEY, S.; NIKTARI, N. Reasons for Business Failure. **Leadership & Organization Development Journal**, v. 17, n. 2, p. 52, 1996.

BRASIL. **Lei complementar n. 123**, de 14 de dezembro de 2006. Institui o **Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte (“Estatuto da Microempresa”, “Estatuto das MPEs”)**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/LCP/Lcp123.htm>. Acesso em 27.06.2015

COCHRAN, A. B. Small Business Mortality Rates: A Review of the Literature. **Journal of Small Business Management**, v. 19, n. 4, p. 50-59, 1981.

CORSO, et al. **Micro e pequenas Empresas: Um Estudo Bibliométrico dos Artigos apresentados no ENANPADS de 1999 a 2010**. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v.12, n. 2, p. 631-647, ago./dez. 2014. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/1608>. Acesso em 20/06/2015.

COSTANZI, Rogério N. **Microcrédito no âmbito das políticas públicas de trabalho e renda. Ministério do Trabalho e Emprego**. Disponível em: <www.mte.gov.br/pnmpo/microcredito_ambito_politicas_publicas_trabalho_renda.pdf>. Acesso em: 23 junho de. 2015.

CRAVO, T.; GOURLAY, A.; BECKER, B. **SMEs and regional economic growth in Brasil**. Loughborough University's Institutional Repository. 2010. Disponível em <https://dspace.lboro.ac.uk/dspace-jspui/bitstream/2134/6005/1/SMEs_and_Growth_in_Brazil.pdf>. Acesso em 12.06.2015

DAVIS, H. **Business Mortality: The Shoe Manufacturing Industry**. Harvard Business Review, v. 17, n. 3, p. 331-339, 1939.

DIAS, F.A.S.D; SGARBI. **A importância de gestão de capital de giro**. Lins, outubro de 2011. Disponível em:<http://www.unisaesiano.edu.br/simposio2011/publicado/artigo0074.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2015.

_____. **Dificuldades e perspectivas no acesso de micro e pequenas empresas a linhas de crédito públicas: o caso de Chapecó**. Rev. Adm. Pública vol.48 no.5 Rio de Janeiro Sept./Oct. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122014000500011&script=sci_arttext : Acesso em 15/06/2015.

DIMAGGIO, P.; POWELL, W. **A gaiola de ferro revisitada: isomorfismo institucional e racionalidade coletiva nos campos organizacionais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 45, n. 2, abr./jun. 2005.

FELDMANN, Paulo. **A pequena empresa como fonte de desenvolvimento. SEBRAE/SC.** Artigos para MPE's, 2011. Disponível em: <www.sebrae-sc.com.br/newart/default.asp?materia=19791>. Acesso em: 29 março de 2015

FERREIRA, C.C; MACEDO, M.A.S; SANT'ANNA, P.R; LONGO, O.C; BARONE, F.M. **Gestão de capital de giro: contribuição para as micro e pequenas empresas no Brasil.** Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro, v. 45, n.3, maio/junho, 2011.

FERREIRA, Kátia A. da Silva; MIRANDA, Luiz C; NUNES, Kaline Di. P. **Dura Lição: Aprendendo com os pequenos empresários que fecharam seus negócios.** Revista da Micro e Pequena Empresa, Campo Limpo Paulista, v.4, n.1, p. 48-63, 2010.

FERREIRA, Luis Fernando Filardi; SANTOS, Silvio Aparecido dos. **Mortalidade Precoce: Uma Análise das Micro e Pequenas Empresas de São Paulo.** V EGPE - Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. 2008. Disponível em <<http://www.dad.uem.br/graduacao/adm/graduacao/download/2762-29.pdf>>. Acesso em: 15.06.2015

_____; OLIVA F.L.; SANTOS, S.A; GRISI, C.C.H.; LIMA, A.C.. **Análise quantitativa sobre mortalidade precoce de micro e pequenas empresas da cidade de São Paulo.** Revista Gestão de Produção, v. 19. p. 811-823. São Carlos, 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-530X2012000400011&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 13.06.2015

_____. e. al. **Fatores Associados à Mortalidade Precoce e Micro e Pequenas Empresas da cidade de São Paulo.** P. 1-16. 2004.

FILARDI, Fernando; OLIVA, Fábio Lotti; Santos, Silvio Aparecido dos; Grisi, Celso Cláudio de Hildebrand; e Lima, Afonso Carneiro. (2012). **Análise quantitativa sobre a mortalidade precoce de micro e pequenas empresas da cidade de São Paulo.** Revista de Gestão e Produção, São Carlos, v. 19, n. 4, p. 811-823;

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – GEM. **Empreendedorismo no Brasil 2013.** Curitiba, 2013. Disponível em <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/GEM_2013_Pesquisa_Completa.pdf> . Acesso em 07.06.2015

HOLMES, S.; HASWELL, S. **Estimating the business failure rate: a reappraisal.** Journal of Small Business Management, v. 27, n. 3, p. 68-74, Jul 1989.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do Cadastro Central de Empresas.** Brasília, 2010.

_____. **As micro e pequenas empresas comerciais e de serviços no Brasil:** 2001. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

LA ROVERE, Renata L.; SHEHATA, Lucy D. **Políticas de apoio à micro e pequenas empresas e desenvolvimento local**: alguns pontos de reflexão. *Revista Redes Santa Cruz do Sul*, v. 11, n. 3, p. 9-29, set./dez. 2006.

LEMES JÚNIOR. A.B.; PISA, B.J.. **Administrando micro e pequenas empresas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

LIU, J. Business failures and macroeconomic factors in the uk. **Bulletin of economic research**, n. 61, v. 1, 2009

LUNELLI, Reinaldo Luiz. **Overtrading e undertrading – os caminhos da falência**. Portal de Contabilidade. 2014. Disponível em <http://www.portaldecontabilidade.com.br/tematicas/overtrading_e_undertrading.htm>. Acesso em: 20.06.2015

KOTESKI, M. A. **As micro e pequenas empresas no contexto econômico brasileiro**. Revista FAE Business, n. 8, maio 2004.

MACHADO-DA-SILVA, C. L.; VIEIRA, M. F.; DELLAGNELO, E. H. L. **Ciclo de vida, controle e tecnologia: um modelo para análise das organizações**. Organizações e Sociedade, v. 5, n. 11, jan./abr. 1998.

_____; C. L.; DELLAGNELO, E. H. L.; VIEIRA, M. F. **Tecnologia e ciclo de vida organizacional: um quadro de análise**. In: ENANPAD,16., 1992, Canela. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 1992.

MAHAMID, I. Factors affecting contractor's business failure: contractors' perspective. **Engineering, Construction and Architectural Management**, v. 19 n. 3, p. 269-285, 2012.

MAUAD, T. M.; MARTINELLI, D. **Ciclo de vida setorial: uma proposta para orientar o desenvolvimento local e as políticas públicas**. In: ENANPAD, 1., 2005, Brasília, DF. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2005.

MAXIMIANO, Antonio Cezar A. **Administração para empreendedores: fundamentos da criação e da gestão de novos negócios**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006

MELO, Mayara Pontes. 2010. 72 fls. **A gestão financeira em micro e pequenas empresas: um estudo de aplicado à indústria de temperos Tina, no município de Cratús –CE**. Graduação (Ciências Contábeis). Faculdade Lourenço Filho. FORTALEZA –CEARÁ. 2010. Disponível em<<http://www.flf.edu.br/revista-flf/monografias-contabeis/monografia-mayara-pontes-melo.pdf>>. Acesso em: 23 de março de 2015.

MOREIRA, Héber Lavor. **Um estudo sobre o desequilíbrio econômico-financeiro das empresas**. Publicado no website Perito Contador. Disponível em: <<http://www.peritocontador.com.br/artigos/overtrading.pdf>>. Acesso em 05.06.2015
Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo, v. 1, n. 3, p. 129-150, set-out, 2016

NUNES, Kaline Di P.; FERREIRA, A. da Silva; MIRANDA, Luiz C. **A Dura Lição: Aprendendo com os pequenos empresários que fecharam seus negócios.** Revista da Micro e Pequena Empresa, Campo Limpo Paulista, v.04, n.01, p.48-63, 2010. Disponível em: <http://www.faccamp.br/ojs/index.php/RMPE/article/view/168>. Acesso em: 16/06/2015.

OECD - Organisation for Economic Co-operation and Development. **SDBS Business Demography Indicators.** 2013. Disponível em <http://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=SDBS_BDI>. Acesso em 09.07.2015.

OLIVEIRA, J.; ESCRIVÃO FILHO, E. **Ciclo de vida organizacional: alinhamento dos estágios das pequenas empresas em quatro dimensões.** Revista Gestão Industrial, v. 5, n. 1, p. 155-176, 2009.

PEREIRA, F.S.; SILVA, W.A.C; ARAÚJO, E.A.T. **Ciclo de vida das organizações e longevidade das MPEs do Vale do Aço.** Revista de Administração, Contabilidade e Economia - RACE, Unoesc, v. 12, n 1, p 71-98, Joaçaba-SC, jan-jun/2013. Disponível em <http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2012_TN_STO_163_949_19712.pdf>. Acesso em 13.06.2015)

RIBEIRO NETO, A. B. (2008). **Fatores que impactam o desempenho de pequenas empresas.** Tese de Doutorado em Engenharia de Produção Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. São Paulo : Pearson Prentice Hall , 2006.

SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa). **Fatores condicionantes e taxa de sobrevivência e mortalidades das micro e pequenas empresas no Brasil: 2003- 2005.** Brasília, 2007. Disponível em <[http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/8F5BDE79736CB99483257447006CBAD3/\\$File/NT00037936.pdf](http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/8F5BDE79736CB99483257447006CBAD3/$File/NT00037936.pdf)>. Acesso em 24.06.2015

_____. **Anuário do trabalho na micro e pequena empresa.** 2009. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Anuario%20do%20Trabalho%20Na%20Micro%20e%20Pequena%20Empresa_2009.pdf>. Acesso em 24.06.2015

_____. GEM 2013: recorde de empreendedores por oportunidade. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/estudos_pesquisas/GEM-2013:-recorde-de-empreendedores-por-oportunidade,detalhe,29. Acesso em 09.07.2015

_____. **Sobrevivência das empresas no Brasil.** Coleção Estudos e Pesquisas. Série Ambiente dos Pequenos Negócios. Brasília-DF, Julho/2013. Disponível em <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Sobrevivencia_das_empresas_no_Brasil=2013.pdf>. Acesso em 06.06.2015)

_____. **Taxa de sobrevivência das empresas no Brasil.** Coleção Estudos e Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo, v. 1, n. 3, p. 129-150, set-out, 2016

Pesquisas. Série Ambiente dos Pequenos Negócios. Brasília-DF. Outubro/2011. Disponível em http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Sobrevivencia_das_empresas_no_Brasil_2011.pdf>. Acesso em 06.06.2015

SEBRAE/SP – Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa. **Doze anos de monitoramento da sobrevivência e mortalidade de empresas**. Coleção Estudos e Pesquisas. Série Ambiente dos Pequenos Negócios. São Paulo-SP. Agosto/2010. Disponível em http://www.sebraesp.com.br/arquivos_site/biblioteca/EstudosPesquisas/mortalidade/mortalidade_12_anos.pdf>. Acesso em 06.06.2015

SOARES NETO, A.C.; POZO, H; TACHIZAWA, T. **O capital de giro como componente de um modelo de gestão no contexto das micro e pequenas empresas**: estudo em um segmento empresarial (cluster) da indústria têxtil. REUNA, Belo Horizonte, v.16, n.2, p. 53-70, Mai. ---Jun. 2011

SOUZA, E; ROSA, R. B da; SILVA, E. da. **O reflexo da carga tributária na mortalidade de microempresas**. 110º CONEX. Apresentação Oral. UEPG. 2012.

TACHIZAWA, T. – **Como fazer monografia na prática**. 12ª. Edição, Rio de Janeiro: Editora FGV. 2014.

TRINDADE, M.A.; PORTELA, M.N; LINHARES, T.S.; TEIXEIRA, R.M. **Gestão do Capital de Giro em Micro e Pequenas Empresas**. RACE, Unoesc, v. 9, n. 1-2, p. 231-250, jan./dez. 2010. Disponível em: http://editora.unoesc.edu.br/index.php/race/article/viewFile/188/pdf_97. Acessado em: 12/06/2015.